



TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE PÓS
GRADUAÇÃO LATO SENSU: A ARTE DE CONTAR
HISTÓRIAS: ABORDAGENS POÉTICA, LITERÁRIA E
PERFORMÁTICA, REALIZADO PELO PÓLO A CASA
TOMBADA - CENTRO DE ESTUDO, PESQUISA E
EXPERIMENTAÇÃO EM ARTE, EDUCAÇÃO E
LINGUAGEM, DA FACONNECT - FACULDADES
INTEGRADAS

MIRIAN DE SOUZA CARLOS

NO CAMINHO VOU CONTANDO...

Um ensaio sobre provocações e resistência literária na escola
e na vida

2025

RESUMO

Este ensaio se propõe a tratar do encontro entre as histórias faladas, contadas, pertencentes à tradição oral ou as histórias que se traz “de cor”. Aborda também o livro, materializado nessa experiência na Sala de Leitura. Esta reflexão traz o ponto de vista desta professora que vos escreve sobre a contação de histórias e do quanto esta prática envolve sua história pessoal e profissional. Talvez, as histórias já estivessem ali, no pensamento e no coração. Talvez elas cheguem ou ainda esperam ser encontradas nos caminhos que são a própria vida. Esta é uma reflexão sobre uma história contada através das diversas histórias que colecionei até aqui.

Palavras-chave: história; leitura; livros.

ABSTRACT

This essay purpose to talk about the connection between the stories that are spoken, told, belonging to the oral tradition or the ones known ‘by heart’. It also approaches the book, materialized in this experience at Reading Room. This reflection brings the point of view of this teacher who writes about telling stories and how much this practice involves your own personal and professional history itself. Perhaps, the stories were already there, in thought and in heart. Perhaps they will arrive or still hope to be found in the ways that are life itself. This is a reflection on a story told through the multiple stories I have collected so far.

Key words: history, reading, books.

DEDICO ESTE TRABALHO A MINHA FILHA
NATÁLIA DE SOUZA CARLOS GONÇALVES.
QUE NOSSO CONTATO TRAGA EVOLUÇÃO.

A TODOS OS QUE ENCONTREI
PELO CAMINHO....

| | |
|---|---------------------------------------|
| INTRODUÇÃO | 5 |
| E NO MEIO DO CAMINHO... | 5 |
| O QUE ENCONTREI PELO CAMINHO | 12 |
| 1- Era uma vez... (Explorando a ideia de como as histórias são importantes para formação do leitor, de seu repertório e de suas escolhas. | 12 |
| 2- Pingos de leitura: | 14 |
| 3- E NO INÍCIO DA CAMINHADA UMA MENINA CHAMADA HEIDI: | 17 |
| 4- Um vaga-lume no lusco fusco | 18 |
| 5- Memórias da Emília | 21 |
| 6- Com as pontas dos dedos e os olhos do coração | 23 |
| 7- Minhas contas: | 25 |
| 8- Cavalo de Troia: | 27 |
| 9- Dom Casmurro: uma dúvida persiste | 29 |
| 10- Sono: Saindo da brasilidade de Machado de Assis, atravessando o oceano e buscando outras leituras. | 31 |
| Conclusão: | Erro! Indicador não definido.5 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 478 |

INTRODUÇÃO

E NO MEIO DO CAMINHO...

Sobre o título do presente trabalho: Fui convidada em 2009 a realizar uma oficina na Escola Técnica Basilides de Godoy, localizada na Rua Guaipá, no Bairro Leopoldina na capital de São Paulo. Era uma semana cultural organizada pelo Grêmio Estudantil e pela Coordenação da escola. Minha filha, ainda adolescente era Diretora Cultural do Grêmio e foi uma das organizadoras. O evento era chamado de Semana Paulo Freire. Vários pais participaram com seus “saberes” e eu ministrei uma oficina de “contação” de histórias. Sempre carreguei um baú; um baú de plástico que anda comigo repleto de livros e objetos. Para decorar o baú, coleí flores, estrelas e a palavra histórias escrita com letras de etileno- acetato de vinilla, um tipo de folha emborrachada conhecida como EVA (mais professora, impossível, pois esse material é altamente utilizado pelos professores). Achei que faltava alguma coisa. Então escrevi com tinta relevo: No caminho vou contando... E dentro de “nuvens” feitas com tinta relevo, escrevi os lugares desse caminho, por onde passei e deixei a palavra. É como se percorresse um longo caminho e fosse parando para contar uma história.

Algum tempo depois, fui convidada a realizar a mesma oficina na Faculdade Mozarteum (Famosp) e solicitaram meu currículo e a sinopse do meu trabalho.

Surgiu a pergunta: Como chamar minha oficina? Estava no Baú que me acompanhava nesse caminho. Um caminho que se refere a minha própria trajetória pela vida. Eu, professora, mulher, filha, mãe entre tantas outras coisas, trilho diversos caminhos e nessa caminhada tão pessoal, e porque não dizer tão única, compartilho a palavra com quem cruza meu caminho: conto histórias. As histórias sempre cruzaram meu caminho, desde a mais tenra idade. Antes de mais nada, nesse caminho que é a vida, fui (e ainda sou) “ouvidora”. Levo comigo este título: No caminho vou contando...

Nesse caminho realizei uma oficina para um grupo de professores da Diretoria de Ensino Norte 1, órgão que acompanha e fiscaliza as escolas de uma determinada região do Estado de São Paulo. A DE Norte 1, fica na Rua Faustolo, 281 no bairro da Água Branca, na capital de São Paulo. A oficina foi durante o encontro de educadores. Três professoras presentes, participantes da oficina ministrada por mim, colocaram durante a apresentação que deduziram que a oficina era de matemática, afinal “contando”. Eis o poder mágico de ser contador

e ouvidor das “gentes”... No caminho não vou apenas contando, narrando, falando... vou aprendendo.

E como meu baú fica estacionado em um caminho que percorro diariamente, a escola, para começar este trabalho, mais uma das minhas contações: um recadinho da Sala de Leitura durante as aulas remotas devido à pandemia do coronavírus (sou professora da sala de leitura da EMEF PROFESSOR DOUTOR VALTER PAULINO ESTEVAM, Bairro Morro Doce, em São Paulo):



PORTA DA SALA DE LEITURA DA EMEF PROFESSOR DR. VALTER PAULINO ESTEVAM

Comentado [1]: essa imagem eu não entendi do que seria...

*O dia pode estar chuvoso
O dia pode estar ensolarado
Não faz diferença neste momento
Pois estamos em isolamento
Precisamos de cuidado...*

*Cuidar da casa da higiene...
Mão limpa, é fundamental
Mas para quem gosta de Cultura,
O cuidado com a Leitura,
É um cuidado essencial!*

*Quem lê não é sozinho.
Quem lê é inteligente!
Pois, afinal a leitura,
Traz um mundo de aventuras
e um futuro à sua frente.*

*Lá na Sala de Leitura,
Quem lê, sabe porquê.
Aprende, ensina e conhece
De um bom livro não esquece
E quer voltar a ler.*

*Então... aproveitem o momento.
Façam da leitura: rotina!
Do livro companhia,
Em cada lugar, cada dia
Um bom livro sempre ensina!*

A professora Mirian

Manda este recadinho:

Leiam: contos, crônicas, poesia

Fábulas, romances... Até biografia

Pra que ficar sozinho?

Que situação difícil!

Mas não pense em solidão.

Viajar pelas histórias,

Serão boas memórias.

Use a imaginação!

Os livros são companheiros,

A leitura, conhecimento.

Desenvolvem a criatividade,

Em toda e qualquer idade.

Até mesmo no isolamento.

Portanto, queridos alunos

Sempre é tempo de aprender.

O vírus não vai ganhar.

Tudo isso vai passar.

E até lá: VAMOS LER!

Comentado [2]: lindo!!

E a partir desses versos que carregavam ao mesmo tempo incertezas e esperanças, me indago: afinal, qual pergunta preciso ter? E como respondê-la?

Essa indagação surgiu ao pensar na construção do TCC.

Na confecção do Trabalho de Conclusão de Curso da Pós Graduação: A arte de contar Histórias, parecia necessário e urgente que os cursistas tivessem uma resposta: Qual pergunta você gostaria de responder?

Qual pergunta surge a partir das reflexões propostas pelo curso?

Difícil...

Não surgia tal pergunta... A pergunta não vinha!

O que sempre aparecia era uma dúvida: o que fazer?

Como transformar o que quero escrever numa resposta a uma pergunta que...
NÃO TENHO!?

Me pareceu pertinente escrever um memorial, afinal o que pairava em minha mente eram as experiências vividas e armazenadas após mais de 35 anos trabalhados em escola pública; e desse tempo, mais de 10 anos na Sala de Leitura de uma escola municipal de ensino fundamental na cidade de São Paulo. No entanto, já escrevera um memorial como Trabalho de Conclusão numa pós graduação em Gestão Escolar. Na época, ano de 2007, isso era uma novidade e alguns professores sequer reconheciam tal modelo de trabalho como acadêmico. Por esse motivo, gostaria de me desafiar a escrever algo diferente.

No entanto, o conhecimento didático, não pode ser traduzido apenas pela teoria. Por isso, essa prática, essa vida que se mistura com a vida da escola, é a mola propulsora para toda e qualquer pergunta. Na escola, as perguntas são muitas, mas não há tempo de divagar... O tempo urge. Então surgem as histórias.

Pensando nisso, as "histórias das gentes" e as escritas das "gentes", mesmo que cheias de retórica, enfeitadas ou respaldadas nas ideias intelectuais, dos que pensam na própria escrita e nos assuntos que julgam necessários de debates, passam, por uma memória cognitiva e por uma impressão muito pessoal: memória afetiva.

Os temas elencados para reflexão apresentam séria dualidade: complexidade e singeleza no mesmo assunto.

Os temas são complexos pois os assuntos humanos, as histórias das "gentes" são envolvidas por toda existência e isso é singular... Divagar não é refletir.

Pensar no agir e, ainda mais importante, em como agir, é fundamental no que se refere às histórias e como essas histórias chegam às pessoas.

Simples, porque deveria ser fácil falar das "gentes" , homens e mulheres, através da perspectiva de que somos esse "ser humano", e a partir dessa perspectiva, entender-se-ia as falas, as histórias e as narrativas nascidas desse humano.

Por isso, é extremamente difícil sair do “achismo”, do egocentrismo e partilhar o saber e dizer que tal saber é inacabado; e que é necessário e urgente continuar aprendendo com novos saberes, sabores e histórias.

Ouso dizer que há uma pergunta: Por que vou contando pelo caminho ? Por que comecei a contar e continuo contando pela escola e pela vida?

Para iniciar a resposta às perguntas acima, quero dividir “este caminho”, isto é, este trabalho de reflexão em tópicos que levam nomes de livros importantes que cruzaram meu caminho. Singelamente , procuro desenvolver a ideia , intercalando o cenário social e escolar. Neste caminho alguns autores conversaram comigo através de suas ideias, geralmente escritas em livros. No caminho vou contando...

O QUE ENCONTREI PELO CAMINHO

1- Era uma vez... (Explorando a ideia de como as histórias são importantes para formação do leitor, de seu repertório e de suas escolhas.

Como sempre pensei em falar sobre os contos de fadas e como realizei descobertas importantes nesse assunto.)

Pensemos nessas três palavrinhas como uma expressão mágica que imediatamente transporta o ouvinte para outro universo. O “era uma vez” é a porta de entrada para o mundo mágico das histórias, para quem escuta e ousa dizer para quem conta (narra) ou lê. Algo se move ou transforma, ao ouvir o “Era uma Vez”, para toda e qualquer história, não somente para os chamados Contos de Fadas ou Contos Maravilhosos, considerando o escrito por Diana e Mario Corso em seu livro *Fadas no Divã* :

Que entendemos aqui por conto de fadas é o mesmo que Vladimir Propp denominou conto maravilhoso, em função da onipresença de algum elemento mágico ou fantástico nessas histórias. Contos de fadas não precisam ter fadas, mas devem conter algum elemento extraordinário, surpreendente, encantador. (Corso; Corso, 2007,p. 27)

“Era uma vez um homem e uma mulher que há muito desejavam inutilmente ter um filho. Finalmente a mulher pressentiu que sua fé estava prestes a conceder-lhe o desejo.”

Assim começa o famoso conto Rapunzel, colhido em meados de 1812 por Wilhelm e Jacob Grimm, os famosos Irmãos Grimm, escribas de tantas histórias espalhadas qual sementes e colhidas tais quais frutas maduras.

Muitos pesquisadores já se debruçaram sobre a temática dos chamados contos de fada, e há quem acredite que tal assunto até já tenha se esgotado. No entanto, percebendo as relações de ensino-aprendizagem como algo que se retoma constantemente, seja pela entrada de novos sujeitos nessa relação (novos alunos e novos docentes) ou por novas descobertas e hipóteses, na prática, o trabalho com os contos de fadas não se esgota. Afinal, essas histórias são atemporais, não estão presas a um tempo e espaço: Era uma vez; Há muito, muito tempo; Certo dia... Ou seja: Hoje! Aqui!

Os Contos de Fadas são a porta de entrada para o mundo imaginário.

Em algumas escolas, principalmente as de educação infantil, tais histórias não são mais contadas. Alguns educadores justificam que esses contos apresentam ideias de que a princesa necessita de um príncipe para salvá-la, portanto apresentam ideias machistas e sexistas. Tais contos, também apresentam uma “eurovisão”, isto é uma visão europeia, como por exemplo de que para ser princesa precisa ser loira e branca.

A partir dessa opinião, muito difundida hoje em dia, algumas EMEIS (escolas municipais de educação infantil) realmente não fazem a contação dos contos de fadas.

Ora, no início dos anos 90, momento em que as ideias sócio-construtivistas ainda eram novidades e sofriam inúmeros preconceitos por parte dos professores adeptos ao ensino tradicional, surgiu a ideia de que : é proibido corrigir a lição dos alunos, é proibido usar a caneta vermelha. A ideia não era essa. O que acontecia no ensino tradicional era que o professor colocava um “grande X” em vermelho nas lições de seus alunos e não explicava onde estava o erro. Não havia conversa.

Estava errado e ponto. Para o sócio-construtivismo, o erro faz parte do aprendizado. Ao corrigir, o professor deve mostrar o erro e, como mediador do processo ensino-aprendizagem, provocar o aluno para que repense suas respostas. Dessa forma, por exemplo, o aluno avança em suas hipóteses de escrita. Evidentemente para que isso ocorra, é necessário corrigir o erro. Portanto, nesse caso, o problema não está na correção, e sim em como o erro é tratado. Podemos comparar essa situação descrita com o objeto deste texto: contos de fadas. Partindo da ideia de que o problema não era corrigir e sim como corrigir; um dos problemas de se trabalhar com contos de fadas é a utilização de versões elaboradas por grandes empresas de entretenimento, que apresentam animações cinematográficas que muitas vezes descaracterizam o conto. Apresentar o conto e uma roda de conversa sobre o mesmo, inclusive aproximando-o o máximo possível, ou que a faixa etária permitir, do conto original, colhido a partir da escuta atenta feita pelos irmãos Grimm, La Fontaine, Andersen, entre outros; sugere uma outra possibilidade. As princesas são lindas, mas até as princesas soltam pum (parafraseando o título com esse nome do grande escritor Ilan Brenman). Elas também se mobilizam. Não ficam esperando o castelo e o príncipe encantado para salvá-las. Qual o local da história? Como se imagina uma personagem como Cinderela? Se os ouvintes afirmarem que ela tem as características apresentadas pela indústria cinematográfica, não seria papel do narrador desconstruir tal imagem?

Afinal, o contador consegue mobilizar as emoções.

Ao ouvir essas histórias clássicas e repletas de elementos fantásticos, que nem sempre são fadas, aguça-se no ouvinte a curiosidade de ler o livro. É muito comum na Sala de Leitura, os alunos solicitarem para ler o livro que a professora acabou de ler ou mostrar. Ao escutar uma história, é importante que o Professor Orientador da Sala de Leitura, cite a fonte, e se essa for um livro do acervo literário da própria sala, mostrá-lo aos alunos. Nesse caso, comumente os alunos perguntam se podem ler o livro de onde a história foi retirada.

O contato com os Contos de Fadas, me fez pensar no início da minha trajetória em enveredar-me por um caminho assim: Qual a importância do Conto de Fadas para as crianças? Hoje, com um caminho um pouco mais amplo, acredito que com a prática da Sala de Leitura, posso afirmar que essas belas histórias, presentes há séculos na memória de várias sociedades, são muito importantes para formação de leitores. Também são fundamentais para o desenvolvimento da oralidade e da criatividade. Nelly Novaes Coelho ressalta:

Foi pela transformação dos mitos e arquétipos em linguagem simbólica, pois sem esta eles não existiriam, que a sabedoria da vida neles contida pode se difundir por todo o mundo, transformada em contos (de fadas ou maravilhosos), em novelas de cavalarias, lais, romances, cantigas...

Em nossos tempos, tais mitos e arquétipos continuam engendrando a verdadeira literatura, por intermédio de novas linguagens simbólicas. Os tempos mudam mas a condição humana continua a mesma. (Coelho,2003,p.94)

A Sala de Leitura, enquanto espaço e ambiente leitor deve acolher a maior diversidade de leituras. Essa bibliodiversidade, que é a diversidade de livros, autores, etnias, culturas e temas; transforma o senso comum em senso

crítico criativo. Aqui, nesta sala, se me permite, pois estou nesta sala agora, o aluno da escola pública, meu aluno, poderá diante de vasta e variada oferta de livros, decidir do que vai gostar. Foi por esse caminho que andei: contando Rapunzel para um bando de adultos, engravidados pelo ouvido, cada vez que com voz de bruxa eu dizia: *Rapunzel!!! Jogue-me suas tranças!*

E para dar meu toque pessoal: *Rapunzel!!! Jogue-me suas tranças cor de mel!*

Foi por esse caminho que andei falando do Sapatinho de Cristal para meu lindo bebê, que chorava em meus braços e sorria quando eu cantava a canção da animação que tem seu valor... (mas não é a verdadeira história da Cinderela...).

Foi por esse caminho que cheguei a Hans Christian Andersen e descobri que sua Pequena Sereia, acaba como espuma do mar.

Foi por esse caminho que ao trabalhar esses contos maravilhosos com o segundo ano, em um projeto sobre alimentação saudável, contando João e Maria, eu dizia quase cantando quando minha bruxa (sim, minha, porque a essa altura, já era minha) Quem está aí?

_ Não é nada, não é nada... É só o vento no terreiro...

É aqui quero segredar que em muitas ocasiões quando a vida não parecia o lado bom dos contos de fadas, eu repetia essa frase, como que afirmando para mim, um mantra, baixinho e constante, quase uma oração:

_ Não é nada, não é nada... É só o vento no terreiro...

Mais uma vez: Era uma vez, uma professora que acreditava no poder transformador das histórias e quando descobriu que muitas pessoas refletiam sobre isso e que até sobreviviam literalmente da contação de histórias, começou a pensar demais que se lê imaginando que está se ouvindo; e se ouve imaginando que se está contando.

É... No caminho, vou contando...

2- Pingos de leitura:

No início dos anos dois mil, participei de uma formação de professores coordenadores, na qual recebemos a informação de que a tiragem de livros didáticos no Brasil, através do Programa PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) do Governo Federal, só perdia em números para a edição do New York Times. Qual o tamanho desse programa e qual sua importância?

Que o PNLD é importante no cenário educacional como programa extremamente abrangente, é fato. Afinal, como diz o próprio site do MEC (Ministério da Educação): ***O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira e iniciou-se, com outra denominação, em 1937. Ao longo desses 80 anos, o programa foi aperfeiçoado e teve diferentes nomes e formas de execução. Atualmente, o PNLD é voltado à educação básica brasileira, tendo como única exceção os alunos da educação infantil.***

Hoje, como tantos outros professores, me encontro às voltas com o PNLD. Mas o que isso quer dizer? O uso dizer que o livro didático é a porta de entrada para tantas outras e várias leituras. Numa grande quantidade de lares brasileiros, talvez o único livro que exista, seja o livro didático. Por isso, a escolha de um material que

represente a diversidade do nosso país e da nossa sociedade e que esteja inserido na realidade daquele aluno constitui-se fundamental. Equívocos como escolher livros de geografia de outra região, por exemplo, são pauta de muita reflexão e motivo de mudança na escolha do material. Pois, se a escola encontra-se em São Paulo, escolher um livro que não aborda as características dessa região, distancia o ensino da realidade em que o aluno está inserido.

Infelizmente, o tempo destinado ao estudo das obras é insuficiente em algumas escolas. A quantidade de assuntos a serem discutidos em 45 minutos, que é o tempo de uma ATPC (aula de trabalho pedagógico coletivo, na Rede de Educação de São Paulo) prejudica a escolha de livros. Apesar de parecer longo o período estipulado pelo MEC (Ministério da Educação), o excesso de atividades, problemas com a indisciplina, entre outros motivos, prejudicam a escolha dos livros. Muitas vezes os títulos nem chegam ao conhecimento do professor. Outras vezes, a formação profissional é que se torna ineficiente para escolha adequada do material.

Mas existe uma grande responsabilidade em escolher um livro, ou alguns livros, pois pelo menos por três anos farão parte do acervo de uma escola, da vida dos docentes e discentes, da produção de conhecimento e desenvolvimento social.

Em 1977 e em 1978, o PNLD,(seja lá o que fosse isso nos meus básicos 8 e 9 anos de idade; pois uma criança realmente não sabe da organização desse programa governamental), disponibilizou para Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Professor Francisco Faria Neto, o livro didático Pingos de Leitura- Comunicação e Expressão- Ensino de Primeiro Grau, editado pela Editora do Brasil. Não tenho certeza se consigo colocar em palavras a importância desse livro para mim. Não consigo olhar esse livro como professora. Olho para ele como uma criança interessada por leitura. Não era um livro comum. Era mágico.

Desse ponto surge a reflexão acima, de que muitas vezes o livro didático é o único material de leitura existente numa casa; principalmente nas casas de difícil acesso financeiro. O PNLD aparece de maneira ainda tímida num cenário em que o livro não é importante. Ora, nos idos anos 1970, a busca pela comida, legava o livro, não ao segundo plano... Ao décimo plano ou a plano nenhum. Atualmente, os livros sobrevivem junto ao advento da tecnologia e lutam por espaço na concorrência quase que desleal com o celular. É possível constatar isso a partir da observação da sala de aula. Nesse contexto, a sala de leitura aparece como resistência frente ao desafio de formar leitores. A leitura desenvolve o senso crítico, o vocabulário, o repertório e a criatividade. Quem lê aguça o senso crítico. E se a porta para tantos caminhos é o livro didático, que seja.

A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte... (canção Comida, Titãs).

O autor mexicano Daniel Goldin aponta que:

A maioria dos países não conseguiu alcançar que toda sua população tivesse acesso à educação escolar e fracassou retumbantemente em sua pretensão de que aqueles que saíram do sistema escolar fossem de fato leitores e escritores proficientes. Talvez isso não seja algo possível de se conseguir. De qualquer maneira, fica cada vez mais difícil definir um

modelo universal de de homem letrado. Quem pode se desenvolver de maneira satisfatória nos diversos gêneros de leitura e escrita que existem atualmente? Como definir um corpus de leituras básicas que todo cidadão deve conhecer? (Goldin, 2018, p.140)

Voltando ao passado, o livro Pingos de Leitura apresentava os textos divididos em tópicos, que consistia num conjunto de 3 ou 4 textos diferentes abordando o mesmo assunto ou assuntos que conversavam entre si. Precedendo os textos, havia um pequeno escrito, que levava a uma reflexão. Após cada texto, apresentava-se a compreensão, vocabulário, aspectos de linguagem e atividades (estes dois últimos eram atividades gramaticais). Mais catedrático, impossível.

Assim, por exemplo, no tópico “E as Árvores Falaram”, havia o desenho de uma árvore com os seguintes dizeres:

Olhe bem para árvore.

Você sabia que ela é como gente?

Pois é, árvore sofre, sente, vive.

“Abra bem os olhos. Abra bem os ouvidos.”

Escute o que a árvore tem para lhe dizer.

E após palavras tão profundas, surgiam as histórias. Nesse caso, histórias sobre as árvores.

Foi através desse livro que tive meu primeiro contato literário com Narizinho e suas Reinações; com lendas brasileiras que fazem parte de meu repertório até hoje. Descobri que os cabelos de Uara eram a força da vida e que Bartolomeu Bueno da Silva, o temido Anhanguera, Diabo Velho, sem coração, enganou o povo indígena e ainda virou herói...

Para contar hoje, essa história, às margens da Rodovia Anhanguera, estendo as mãos para esses Pingos de Leitura. Pingos de leitura num livro didático!

Foi a experiência com os pingos de leitura que para mim comprova que realmente o livro didático funciona como porta de entrada para outras leituras. Um bom livro didático contém textos interessantes. Contextualiza os conhecimentos. Se saber tem a ver com sabor, o saber do vocabulário, do aumento do repertório aliado a muita imaginação; tem sabor de histórias e conhecimento!

Pingos de Leitura: Uma memória afetiva que me faz ter certeza que narro histórias que conversam comigo e que sou professora ! (ponto)

3- E NO INÍCIO DA CAMINHADA UMA MENINA CHAMADA HEIDI:

HEIDI, livro da autora Johana Spyri, foi um Livro comprado em folheto da Ediouro (editora) pela minha mãe através da propaganda e sugestão de uma professora. Mara Regina, da 4ª série em 1979. Como um professor pode ser o leitor exemplo para seus alunos? Ainda mais na ditadura militar, ler era resistência. Se a professora falou... tá falado e comprado. Esquece o mercado, compra um livro.

Como canta o grupo O Rappa, na canção Pescador de Ilusões:

“ Se eu ousar catar na superfície de qualquer manhã, as palavras de um livro sem final, sem final...”(Rappa,1996)

Heidi foi um dos livros da minha infância, porque me cativa e me faz pensar. Às vezes penso que Heidi dá mensagens, “meio Polyana”, mas essa é outra história. Afinal, aconteça o que acontecer, mesmo sendo triste, surgem momentos felizes. Lugares rústicos podem trazer cenários encantadores e despertar assim, a vontade de conhecer a neve, e o país onde se passa a história: Suíça.

Heidi fala de amizades e de inclusão, dentro de um período histórico onde tal assunto sequer era falado, muito menos escrito.

Quantas palavras difíceis... Mas, Heidi! A história de Heidi é uma bela história. Livro bom é livro lido e o meu exemplar de Heidi está dividido em duas partes (porque as páginas descolaram), sem a capa azul, que me lembro mostrava a paisagem dos alpes. Os alpes comumente são símbolo de beleza e riqueza daquele país. Mas na história de Heidi, compreendi que o “ser” é mais importante que o “ter” e que não somos melhores nem piores, apenas diferentes.

E como esse livro chegou em minhas mãos? Em 1979, na Escola Francisco Faria Neto, minha professora da 4ª série, professora Mara Regina, distribuiu uns folhetos da Editora Ediouro. Nesses folhetos, além de uma breve explicação, tinha a foto minúscula do livro, uma pequena sinopse e o preço. O interessado assinalava com um “X” o quadradinho à frente do nome do livro. O folheto já era uma grande aventura literária. Eu e meu irmão Marcelo, devoramos todas as sinopses e ficava muito difícil escolher um livro. Minha mãe comprou poucos livros, porque o dinheiro também era pouco...

Os primeiros livros foram João e Maria para Marcelo e O Soldadinho de Chumbo para mim. Depois, o dicionário da Ediouro, afinal a 4ª série precisava de dicionário. A professora Mara Regina falava: “você precisam ler e na quarta série é obrigatório ter um dicionário!” E se a professora falou, “tá falado” e ... “tá comprado.” Imaginemos em 1979, em plena ditadura militar, uma professora incentivando a leitura? Realmente, ler e contar histórias sempre foi um sinal de resistência. Quando me vi professora, e tentava explicar a importância da leitura, dava o seguinte exemplo para os alunos: quando forem ao Mercado Extra, comprem arroz, feijão e um livrinho. O arroz, feijão e demais alimentos sustentam o corpo e as histórias sustentam a alma... Ouí um dia de um aluno: “pro, minha mãe disse que você é doida! Esquece o mercado e compra um livro?” Respondi que de vez em quando, esqueço o mercado e compro um livro...(esse mercado era uma referência no bairro que leciono; não que fosse perto, pelo contrário, a

escola é no Bairro do Morro Doce e o mercado, situava-se depois do Rio Tietê, na Ponte Anhanguera, zona oeste de São Paulo. Para as crianças, era um mercado “chique” e tinha uma pequena seção de livros). A maioria dos alunos não conhecia uma livraria. Mas conhecem a sala de leitura. Ah, e conhecem a professora da Sala de Leitura!

E por fim, minha mãe comprou Heidi... Esquece literalmente o mercado e compra um livro! Ah, felicidade clandestina.

Em 1979, surgia numa escola pública na periferia dessa megalópole que é São Paulo, uma verdadeira influenciadora: a professora que propagava livros. Imaginemos, quantos leitores ela descobriu? Quantos perseveraram na leitura? Pensemos na importância do professor, exemplo de leitor, nas palavras de Marina Colasanti:

O professor que não é leitor não tem como formar leitor, não tem como formar leitores- não formará um. A leitura é contaminação amorosa: o professor tem que acreditar no que diz e, para acreditar, ele tem que ser leitor. (Colasanti, 2016¹)

Voltando a minha 4ª série, os folhetos continuavam chegando, mas o dinheiro curto num barraquinho de dois cômodos e água puxada do poço, impediram a compra de mais livros. Mas Heidi ainda está presente na professora! Eu diria nas professoras: nas “Maras”, nas “Marias”, nas “Mirians” como eu... Que pelo caminho vão contando...

4- Um vaga-lume no lusco-fusco

Coleção Vaga Lume e Jovens do Mundo Todo

Contando como meu irmão ganhou o concurso de leitura em 1980 e que hoje entendo a Bolsa Amarela (livro de Lygia Bojunga). Sempre tive uma e todos têm.

Aquele horário entre o entardecer e o anoitecer, onde paira uma penumbra e os olhos precisam prestar mais atenção. Não está escuro, mas não está claro. Está por vezes amarelado, lembrando um abajur que parece, que a qualquer momento vai apagar de vez. Essa é a sensação do lusco fusco. Quase luz, cheio de sombra. Poderia ser poético, mas de verdade para mim, provoca dor de cabeça, se preciso ler ou procurar algo, ou ainda realizar alguma tarefa.

Fico pensando nos bares e restaurantes que deixam essa penumbra. Falta clareza. Apesar de lindo e de suscitar inúmeras histórias. E como história, podemos imaginá-la como fantasia: fadas, elfos, duendes. Luzinhas brilhando, trazendo um toque de magia. O sol esconde as asas e aparecem as estrelas e a grande rainha lua iluminando o céu e a noite.

No início da década de 1980, a Coleção Vaga Lume era essa lanterna que colocava um ponto de luz no lusco fusco da literatura infanto juvenil. Na verdade, podemos afirmar que Lucia Machado de Almeida, autora do clássico O Escaravelho do Diabo, e outros títulos famosos da Coleção Vaga lume e da Coleção Jovens do

¹ Disponível em: https://www.marinacolasanti.com/2016/11/entrevista-para-radar-da-educacao.html?utm_source=chatgpt.com Acessado em: 16/09/2023

Mundo Todo, como por exemplo, Xisto no Espaço, ganhador do Prêmio Jabuti; juntamente com outros autores como Marcos Rey, Orígenes Lessa, Maria José Dupré, Odete Barros Mott; era uma das que segurava a lanterna, autora à frente de seu tempo. Os maiores sucessos da literatura juvenil daquele momento histórico estão aqui!

As obras desses autores marcaram a infância e adolescência de uma geração inteira de brasileiros. Histórias para infância e juventude que levavam o leitor para um universo de conhecimento e imaginação somente vislumbrado em obras internacionais. Os livros O Escaravelho do Diabo e O Caso da Borboleta Atíria estão entre os clássicos da Coleção Vaga Lume publicada pela Editora Ática nos anos de 1980.

Em 1980, a então adolescente que fui, pediu ao pai como presente de 15 anos, um gravador e um livro. O gravador veio adquirido de segunda mão, antes dos 15 anos. O livro foi de 15 anos: A 8ª série C de Odete Barros Mott. Emprestei anos depois e o perdi. Perdi fisicamente, pois o livro não me perdeu. Quando conto uma história, na palavra ou na leitura, mentalmente penso na emoção que cada uma dessas histórias literárias causou em mim.

Sobre a contação de histórias, é impossível não citar Regina Machado:

Fico pensando em alguém que resolve dedicar algumas horas de sua vida lendo histórias para uma criança desconhecida, deitada numa cama de hospital. Não é o medo que une essas duas pessoas nesse instante. Ambas transitam, cada uma pela sua própria história, dentro do conto. Não se trata de negar ou fugir da dura realidade, do medo ou da impotência. Experimentam a si mesmas em outras possibilidades de existir, além do medo. É nesse caos de começo de milênio que a imaginação criadora pode operar como a possibilidade humana de conceber o desenho de um mundo melhor por isso por isso a arte de contar histórias esteja renascendo em toda parte. Os contos milenares são guardiões de uma sabedoria intocada, que atravessa gerações e culturas... (Machado, 2004,p.15)

Algumas dessas histórias, chegaram em minha casa numa pequena estante de madeira; prêmio de um concurso de leitura em que meu irmão Marcelo participou.

Em 1980, eu e Marcelo estudávamos na EMEF Professor Luiz David Sobrinho. Eu estava na quinta série e Marcelo na quarta série. A Secretaria Municipal de Educação promoveu um Concurso de Leitura. Na época, não tinha conhecimento, mas provavelmente foram analisados: tom de voz, empostação e pontuação. Cada série tirou seu melhor leitor e depois entre todos os leitores, um ganhador da Unidade Escolar. Fui escolhida a melhor leitora da quinta série B. Marcelo foi selecionado como melhor leitor da escola. Ele estava na quarta série. Lembro (impossível não me emocionar) que a premiação seria no Teatro Municipal de São Paulo. Os alunos iriam acompanhados da mãe, porque era 1980 e só a mãe ia mesmo... e a professora. A vestimenta era uniforme: calça azul marinho de tergal e camisa branca. A camisa do Marcelo (Marmelo, Martelo, porque ele não inventava palavras como o personagem de Ruth Rocha , mas dava vida a elas) , era transparente de tão surrada. Mas era limpinha e “passadinha”, porque filhos de dona Ana andavam “passadinhos” (pausa poética: o corretor insiste em escrever

passarinhos, porque acho que o corretor às vezes, e só às vezes quer ser Manoel de Barros e em vez de “passadinhos”, roupa bem passada a ferro, seria: filhos de Dona Ana, passarinhos. E é, e somos. As histórinhas fazem isso...) apesar de tudo. Afinal, como diz a canção do Padre Zezinho, Utopia: “Faltava tudo, mas a gente nem ligava, o importante não faltava...” Mãe faltou no serviço, e olha que isso era difícil, e foi ao Teatro Municipal. Acho que o prêmio era mesmo dela, da Dona Ana. Será que os intelectuais que querem falar da escola e de escola tem qualquer noção disso?

Quando a estante chegou em casa , trazia 38 livros. Muitos dos autores acima mencionados, eram lanternas no lusco fusco para quem embaralha a visão na penumbra...

A estante viajou muitas casas, pois não tínhamos casa própria e quem mora de aluguel é “meio nômade” (no sentido de se locomover demais entre os lugares): mudando sempre. Hoje está estacionada na casa conquistada com muito sacrifício no Bairro de Parada de Taipas, zona norte de São Paulo. A senhora estante, com 44 anos, carrega agora outras histórias.

Quando ela (a estante) ainda jovem chegou do Teatro Municipal, transportada gentilmente pela professora, carregava 38 livros: lanternas no Lusco Fusco, como todo livro deve ser, afinal: “O Livro é a Casa da História!”

Um desses livros era Bolsa Amarela da autora Lygia Bojunga. A Bolsa Amarela conta história de Raquel, uma menina de 13 anos, que tinha 3 vontades:

- 1ª) A vontade de crescer;
- 2ª) Vontade de ser menino;
- 3ª) A vontade de ser escritora.

Já li esse livro algumas vezes, e a última foi com a Academia Estudantil de Letras (AEL) que coordenei como Professora Orientadora da Sala de Leitura no início do ano de 2023, e que ainda atuo como colaboradora.. Outro vaga-lume nos anos obscuros da ditadura militar. Como a censura não possuía olhos para ver, não percebeu a provocação subversiva implícita nesse texto escrito de forma brilhante por Lygia Bojunga. Raquel descobriu no final da história que poderia ser o que quisesse como menina, como criança que cresceria e como escritora abriria caminhos para outras meninas invisibilizadas pelo feminino; não o sagrado... Mas a profana mania de ser mulher. Acredito que toda mulher tem uma bolsa amarela, ainda que se apresente azul, preta ou bege. A cor talvez importe, ou não. Mas a capacidade dessa bolsa se alargar por dentro e guardar tantos medos, desejos e vontades. Parece que muitas mulheres querem tal bolsa, percebam Hermione Granger, na saga de Harry Potter: a mesma tinha uma bolsa de contas que possuía um feitiço indetectável de extensão. Tudo cabia naquela bolsa. Assim era a bolsa amarela de Raquel nos anos de 1970. Tudo se encaixava, era extensiva e nos bolsos cabia exatamente tudo! Inclusive as vontades que não paravam de crescer. Um bom livro para pensar nos papéis sociais e no feminismo. Um momento mágico que existe somente para ser iluminado pela simples lanterna de um vaga-lume.

Nesse contexto onde os professores consomem seu tempo com teorias que não conseguem aplicar e quase não conseguem praticar; como analisar o desempenho de um professor, que comumente é criticado por aqueles que nunca pisaram numa sala de aula? Não entendem da arte de dar aula... O bom professor nunca deixa de estudar, enquanto quem pensa educação quer ditar regras daquilo que poderia funcionar ou não na escola...

A professora que acompanhou a leitura, incentivou, votou no melhor leitor, transportou mãe e filho até o Teatro e, por fim transportou a estante; aquela mesma estante que tirava Mirian e Marcelo da leitura de latinhas de ervilha e outros frascos e dava a Mirian e Marcelo um vaga-lume. Pequena luz no lusco fusco...

5- Memórias da Emília

Contar histórias é condição da condição humana. Todos são contadores de histórias, frase repetida inúmeras durante o curso de Contação de Histórias, abordagens poética, literária e performática. Uma metáfora interessante sobre a contação de histórias ouvi certa vez numa palestra de Eliana Hatiê: “o ser humano é feito de células que contam histórias umas para as outras.”

História é relação. Relação profunda e individual entre quem conta e quem ouve. Os contadores de histórias são caçadores de obras-primas. Ao contar uma história o contador oferece a quem ouve, o alívio da fantasia. Por um breve momento, entre o “Era uma Vez” e o “fim”, as dores do mundo cessam para dar lugar à imaginação. Nesse sentido, o contador é mais que um performer, que um animador. No momento da história os saberes são compartilhados, e a alma deixa de ser individual; é compartilhada. A palavra, como objeto das histórias, quer dizer tanta coisa que às vezes não dizemos o que realmente queremos. Citando Aldo Oliva: “*Ninguém sabe o que sabe, até a explosão da palavra.*”

A ideia de que o professor é aquele que professa, aproxima ainda mais esse nobre ofício, o de professor, ao orador. Nós professores da Sala de Leitura da rede Municipal, encontramos nosso lugar na arte de compartilhar as histórias. Muitas vezes, no meio do turbilhão que é a aula, encontro na contação de histórias a arte de trazer o aluno para mim.

A sala está naquela agitação e já perdeu-se a conta dos “por favores” solicitados, muitas vezes com voz alterada... É muito difícil competir com as interferências externas e com as interferências internas da criança e do adolescente. O celular já é uma extensão das mãos, dos braços e competir com esse aparelhinho é algo “para os fortes”:

A era da informação também trouxe outra questão muito notada nos dias atuais. A importância de acumular notícias na memória foi se tornando central na vida do homem, principalmente na vida urbana. A questão era: o que fazer com tanta informação acumulada? A sabedoria reside exatamente nisto: o que fazer com o nosso conhecimento. Vivemos numa época pobre de sabedoria e repleta de informações. Diante desse contexto a infância começou a entrar em contato com informações antes restritas ao âmbito escolar e familiar. (Brenman, 2012, 145)

A história comove, atrai, emociona e impulsiona. Quando a voz solta “Era uma vez” e o ouvido encontra o “era uma vez” acontece algo estranho para o qual não existe explicação.

Falar do narrador; da arte de contar história é algo singular.

Existe algum desmerecimento em contar histórias sem ganhar o pão de cada dia com essa arte? Isto é, contar histórias sem se profissionalizar nesse ofício?

Às vezes é importante afastar algumas palavras do nosso vocabulário. Aquelas que são politicamente incorretas e aquelas que minimizam o ofício das gentes que trabalham incessantemente. Algumas palavras, como as que remetem ao preconceito e racismo e as que empobrecem de forma violenta a ocupação de alguém. Nesse ínterim, exemplifico: certo político virou secretário da educação do estado de São Paulo. Em suas falas era comum ouvir a seguinte explicação: não sou professor, sou um entusiasta da educação. Não posso falar o que esse entusiasmo causou, seria uma grande falta de educação e sairia desse meu tema. O fato é que tal palavra causou um verdadeiro ranço!

Fecho os olhos e vejo os grandes olhos de Simone Grande ou a voz de Ana Luisa Lacombe, insistindo de que Contar Histórias é uma arte e que a desprofissionalização, o amadorismo parece desprestigiar tal Arte, retirando-a do lugar de destaque que merece.

Isso me marcou profundamente! Ora, como não trabalhasse com a contação de histórias, afinal já trabalho em duas escolas, me dirigia a mim mesma como uma entusiasta da contação. No sentido de que não tiro meu sustento da nobre arte. Mas após ver os estragos de alguns entusiastas, tenho certeza que devo retirar essa palavra do meu vocabulário. Afinal, de boas intenções o inferno está cheio.

As histórias arrebatam, no sentido de entusiasmar e talvez não precise explicar. Mas quando alguém que não é professor quer falar da aula, desse ofício... Ah... insatisfação!

No entanto, se faz necessário refletir que o muito de ser professora, é uma grande parte, também é o muito de ser contadora. Contadora: como aquela que fomenta, ou até apresenta a cultura. Cultua a palavra, a literatura e se envereda pela estrada de várias histórias que mesmo seguindo rotas diferentes se entrelaçam em algum momento para culminar numa só história, ou simplesmente ser o parênteses de outra história que cruza o seu caminho, mudando ou não as histórias.

Afinal, o contador, é ele mesmo, uma história; a sua história.

Acho que posso falar: sou contadora de histórias!

No desenvolvimento destas ideias, a mesma dúvida persiste: Qual pergunta gostaria de responder? Qual pergunta surge? Não surgia respostas, porque a pergunta também não vinha.

O que sempre aparecia e ainda aparece: O que fazer? Como transformar minha mensagem numa resposta a perguntas que não tenho. Conforme exposto anteriormente, surgiu a ideia de escrever um memorial. Mas já fiz isso em outro curso de Gestão Escolar. Eis o desafio.

Desafiar-se é importante! Caso contrário, caímos na armadilha dos entusiastas, em que qualquer pessoa pode ser professor. Imagine se um médico cirurgião passa mal durante uma operação. Um professor pode substituí-lo? Mas se um professor passa mal durante sua aula? Qualquer um, pode ministrar a aula em seu lugar?

Histórias de quem leciona há muito tempo...

Entretanto as “histórias das gentes” , “as escritas das gentes”, mesmo que enfeitadas ou respaldadas em ideias intelectuais dos que pensam na própria escrita e nos assuntos a se debater, passam, numa visão bem particular, por uma memória cognitiva e por uma impressão muito pessoal.

Surge uma dualidade: os temas a serem estudados como objeto da contação de histórias são complexos pelo assunto e singelos pelo mesmo assunto.

Complexos pois assuntos de ordem humana são envolvidos pela existência e isso é singular. Divagar não é refletir... Pensar na ação e como agir no que se refere às histórias e como essas chegam às pessoas.

Simples, porque deveria ser fácil falar do ser humano, já que o somos. Dessa perspectiva, de que somos este ser humano, entenderíamos as falas, as histórias, as narrativas nascidas da essência humana.

... acredito na importância das histórias que toquem em assuntos que refletem o sentimentos das crianças, tais como amor, ódio, medo, tristeza, solidão, e que, embora rejeitadas por muitos, comunicam-se e inexoravelmente com o mundo interior infantil. "A história pode ser considerada um talismã contra o desespero..."(Brenman, 2012,211)

É extremamente difícil sair do “achismo”, do egocentrismo, partilhar o saber e dizer no final que tal saber é inacabado e é necessário que se continue aprendendo para “ser” saber. E não só saber; saber transformador.

6- Com as pontas dos dedos e os olhos do coração

Sobre nascimentos e renascimentos...

Fato curioso acontece comigo... Não consigo ser fiel a uma tendência, uma música, um filme, uma moda... Não! Pergunte a mim qual minha cor preferida e direi que sou arco-íris. Pergunte qual minha comida predileta e não saberei responder de imediato. Acontece comigo um fenômeno que impede que eu escolha. Mas não se engane, não é uma dúvida ou uma indecisão, situação de quem não pensa ou não tem opinião própria. É um estado de querer olhar para todas as coisas e ver o que há de bom e interessante nelas. Alguns podem chamar de ecletismo...

Então como posso escolher o dia do meu nascimento? Simplesmente não posso. Nasci e renasci tantas vezes, em tantos lugares, em vários momentos...

Ao pensar se nasci quando ouvi uma nota musical perfeita, ou uma dança, ou um exercício de ginástica, ou a leitura de um texto esplendoroso (pelo menos para mim); não posso deixar de apontar que nasci quando li e ouvi falar de Jesus. É o líder, o exemplo, a virtude; e ao mesmo tempo a fortaleza, a seriedade e a sabedoria... Afinal, uma coisa é ser bom, outra é ser bobo. E aos dez anos nasci para uma esperança que estava se perdendo em minha vida, mesmo com uma idade tão tenra. E ninguém me catequizou, se assim posso dizer. Simplesmente senti...

Mas não sou fiel... Jesus me perdoe!... Nasci ao entrar no magistério e perceber que as transformações que considero necessárias foram as anunciadas neste curso. Nasci professora! Convivi 25 anos com uma pessoa que dizia sempre

que a Mirian, no caso eu, sou mais professora, do que mãe, do que mulher, filha ou amiga... Nasci pensando que a educação transforma vidas. Nasci tantas vezes... Renasci...

Olhei para minha mãe sentada ao meu lado no hospital. Ela usava uma blusa de frio verde e eu um conjunto de veludo em dois tons de azul. Aguardava a chamada do médico que diria se a doença estava controlada. Afinal após a cirurgia, um material, meu material, fora enviado para biópsia... Neste dia em 2005, renasci. Estou viva e minha mãe teve a alegria da filha, já não mais bebê, em seus braços...

Nasci Fênix, dia 1º de março de 1969... E tal qual a Fênix renasço sempre, não para outra vida, mas sim para acender algo que está se apagando nesta. Fênix que debaixo das cinzas vai se levantando e alçando novos voos.

Profissão, professora!

Com a Ponta dos Dedos e os Olhos do Coração, de autoria de Leila Rentroia Iannone, é um livro que conta a história de Fernando e de sua bisavó que é cega. A história se passa no ano de 1986, ano em que o cometa Halley passa visível pela Terra. Esse cometa passa a cada 75 ou 76 anos. A avó era menina quando o cometa passou em 1910, tinha muitas lembranças boas, pois ela enxergava e conhecera seu grande amor, ainda criança. Mais tarde virou seu marido e avô de Fernando.

Com o marido falecido e sem a visão, essa vovó não permitiu que a amargura tomasse conta de sua existência. Era a melhor amiga do neto que estava vivendo todas as transformações da adolescência: descoberta do amor, auto conhecimento e aceitação por parte dos colegas. Nesse ínterim a professora de Nando pede um trabalho que exige não só estudos teóricos sobre o astro, mas também uma parte criativa. O menino decide, então, que precisa fazer algo que ajude vó-bisa (era assim que Nando a chamava) a enxergar suas memórias, já que ela está praticamente cega e só consegue ver com a ponta dos dedos e os olhos do coração.

Nando então faz um trabalho com textura, pingos de vela e assim sua vó pode enxergar de alguma forma o cometa que lhe trouxe tanta felicidade. Para Nando, esse trabalho também traz felicidade, pois através dessa relação e respeito por sua vó bisa, ele consegue o respeito de seus colegas de escola.

Esse livro apresenta questões muito sensíveis, atuais e para melhorar tem como pano de fundo as relações escolares; a história se passa em grande parte no contexto escolar.

Posso afirmar que mais de 90% do meu tempo, é vivido dentro do contexto escolar. Me lembro que todos os testes vocacionais ou entrevistas apontavam para o magistério ou qualquer outra função dentro de comunicação. Inclusive, existiam cursos de comunicação. Estava propensa a estudar comunicações e tinha muito medo de chorar na frente dos alunos, de não ser forte o suficiente para aguentar os acontecimentos de uma aula. Explicar, ensinar (se este verbo existir) é trabalhoso; mas enfrentar a indisciplina, o desrespeito e o pouco caso ofertados aos professores era algo inconcebível. Em 1985, após o movimento Diretas Já, mas

ainda imbuídos daqueles ideais de democracia; mesmo sabendo que essa tal democracia estava distante de acontecer; estava na segunda série do segundo grau, hoje Ensino Médio. Passava por muitas questões pessoais. Era uma excelente aluna, nas disciplinas da área de humanas, mas nas disciplinas exatas, a dificuldade era extrema. Não que faltasse estudo, a única vez que dormi com um livro nas mãos foi estudando o livro de Ricardo Feltre, de química. Por essa dificuldade, acabei ficando de recuperação, e na recuperação fui reprovada em química por meio ponto. Lembro de perguntar à professora: “ Fiquei?” e ela respondeu: “ O que você acha?” Desmaiei e acordei a caminho do Pronto Socorro do Hospital Sorocabana, situado no Bairro da Lapa, mesmo bairro em que a escola ficava. Era a Escola Estadual de Segundo Grau Pereira Barreto.

Nessa situação, em que não se avalia o aluno como um “todo”, milhares de alunos foram prejudicados. Assim era o ensino tradicional. Com o advento do sócio-construtivismo e após a Lei de Diretrizes e Bases em 1996, a educação brasileira ainda está em evidente processo de transformação. Como professora tive a oportunidade de trabalhar com a educação bancária tradicional, no início da carreira. Depois surgiu o sócio construtivismo defendido por Emília Ferreiro, discípula de Jean Piaget. E assim escola e professores, inclusive esta que vos fala tentam caminhar pelas trilhas da interação propostas pelo sócio construtivismo.

Ler é sinal de resistência. Palavra que provoca, como a História do livro Com a Ponta dos Dedos e os Olhos do Coração. Muito se pergunta, se a literatura realmente desempenha um papel importante na sociedade e na formação do cidadão. Para refletir, o texto da autora Silvia Castrillon :

Definitivamente, acredito que se tem negado o caráter político que devem ter a educação e qualquer tentativa de promover a leitura, pelo menos em sociedades como a latino-americana, que exigem mudanças sociais urgentes para as quais a leitura é um instrumento fundamental. Negar esse caráter político impede dar à promoção da leitura a dimensão que teria se as maiorias a adotassem como um instrumento necessário para melhorar as condições de vida. (Castrillon, 2019, p.61)

Acredito que minha formação (pessoal e profissional) é fruto desse pensamento.

7- Minhas contas (Livro de Luiz Antonio, ilustrado por Daniel Kondo):

Esse livro tem como tema a intolerância religiosa. Conta sobre a amizade de dois meninos abalada pelo preconceito, pois um deles segue a doutrina do Candomblé.

Oyá
Será que a força da fé que carrega nosso viver
Pode mover montanhas e jogar dentro do mar
Tanta gente de bem que só tem mal pra dar
(Matheus e Rodrigues, 1992)

Percebe-se que a literatura reflete os momentos históricos e que a intolerância e preconceito estão enraizados em nossa sociedade. A história tem sido contada a partir do olhar do colonizador europeu transformando a cultura, o conhecimento e os saberes de outros povos em dados sem

Comentado [3]: Diretrizes e Bases

importância. O desrespeito às tradições dos povos originários e dos povos escravizados torna invisível a contribuição desses povos na construção de nosso povo. Somos um povo miscigenado.

Os livros e as histórias desempenham papel importante na denúncia desse descaso.

Os projetos desenvolvidos na sala de leitura vem ao encontro da necessidade do diálogo e da manifestação de uma cultura miscigenada e por isso plural. Essa ideia é apresentada pela equipe da Sala e Espaço de Leitura de SME em 2017:

Nessas décadas, foi se construindo um dos pioneiros, mais longevos e abrangentes programas de leitura do país que, ao longo de sua permanência e expansão, assim como a concepção de leitura, acompanhou as mudanças sociais, políticas e culturais vividas pela nossa cidade e o nosso país. Nesse período, mesmo passando por ajustes na sua funcionalidade e na sua compreensão dentro da escola, as Salas de Leitura garantiram aos estudantes que passaram pela Rede Municipal de Ensino o acesso às obras mais representativas da literatura infantojuvenil, nacional e estrangeira. Essa trajetória de sucesso foi compartilhada pelos profissionais responsáveis pela organização desse espaço e pelas ações ali desenvolvidas: dos Professores e Bibliotecárias da experiência-piloto, em 1972, aos atuais Professores Orientadores da Sala de Leitura (POSLS). É a atuação engajada desses POSLS, mediadores de leitura qualificados por um investimento constante na sua formação, que transformou, transforma e continuará transformando esse espaço em um ambiente de encantamento e de múltiplas aprendizagens, cuja chave mágica é a literatura. (SÃO PAULO, 2020)

A Sala de Leitura é o lugar das possibilidades e... da palavra!

Pensando bem, a Sala de Leitura, mesmo dentro da escola, vai na contramão da “pedagogização”.

Não avalia numericamente, não aplica provas; não propõe escrever, escrever, escrever sem um sentido.

Na sala de leitura se lê!

Missão da Sala de Leitura: enveredar pelo encantador universo das histórias. Digamos portanto, que há na Sala de Leitura uma subjetividade quase que palpável para o que se constrói nesse espaço.

A leitura traz um mundo de possibilidades, inclusive a possibilidade do silêncio. Não o silêncio que cala; o silêncio que existe entre o objeto lido e o leitor.

O espaço, Sala de Leitura abriga tal objeto e tal leitor.

Durante muito tempo um dos principais objetivos da escola era formar cidadãos. Refletimos atualmente que a escola não cria cidadãos. O ser humano, as crianças, já nascem cidadãs. No entanto é necessário despertar o educando para os seus direitos e deveres; mostrar-lhes o caminho que se pode percorrer dentro dos papéis da cidadania.

Nesse ínterim, pensemos no leitor. Antes da leitura da palavra, existe a leitura de mundo, como dizia Paulo Freire.

A Sala de Leitura chega para apresentar gêneros e seus reais suportes... Será?

Bem, se se pretende trabalhar reportagem apresenta-se o suporte de tal gênero que é o jornal. Se o gênero for receitas, apresenta-se livros de culinária.

Se o sujeito leitor tiver acesso aos suportes dos textos, talvez aprecie a leitura.

E talvez, “as gentes” não apreciem a leitura porque não encontraram a sua leitura, aquela que agrada, que traz uma mensagem significativa.

Dito isso, para além dos gêneros literários, a leitura tem um papel humanizador que completa a formação dos sujeitos, das “gentes”.. Em todo processo educativo, existe a necessidade de envolvimento dos sujeitos, principalmente na teoria sócio-construtivista. Na leitura, a mesma relação deveria acontecer, considerando a leitura para além dos gêneros e seus suportes, as dimensões éticas, culturais, sociais e econômicas.

Se os Projetos Políticos Pedagógicos escolares devem pautar-se na inclusão social e na construção democrática e participativa, a fim de superar as desigualdades sociais; a leitura deve surgir como um vetor que desperte o senso crítico, passando pela cultura, ideologia, estruturas sociais e lirismo.

A leitura, vista por esse prisma, não é coadjuvante no processo educacional, que é um ato político.

É a leitura que corrobora com a educação, colocando o sujeito frente a realidade para que possa encará-la crítica e conscientemente apropriando-se e interferindo nessa mesma realidade.

Nesse contexto, a Sala de Leitura promove pluralidade e diversidade. As formações propostas para os Professores Orientadores da Sala de Leitura, provocam o professor a enxergar a leitura como o eixo norteador para discussões fundamentais dentro da escola.

Das africanidades e diferenças. A leitura informa e aproxima. A história chega, independentemente da intolerância .

8- Cavalo de Troia:

No título Cavalo de Troia existem duas possibilidades de narrativa:

Primeiro a história pertencente à mitologia grega. Certamente, a maioria das pessoas já ouviu as expressões: “entre gregos e troianos”. “Não dá para agradar gregos e troianos; ou ainda, presente de grego.” O imaginário pergunta se a história do cavalo gigantesco de madeira, contendo em seu interior oco guerreiros gregos inimigos, é verdadeira. Mas a narrativa, feita primeiramente por Homero, dá a impressão de algo tão real, tão palpável que também não dá para afirmar que não ocorreu.

A segunda narrativa que chega é a série de livros: Operação Cavalo de Troia, do autor espanhol Juan José Benítez López, conhecido como J.J. Benítez. Uma série de ficção científica em que um grupo de cientistas militares americanos constroem uma máquina do tempo e retornam à época de Jesus. A história mescla ciência e relatos bíblicos. A máquina do tempo é chamada de berço e tem a missão de comprovar a existência de Cristo.

Para todo contador de histórias ou para todo narrador, as duas histórias são muito importantes porque oferecem requisitos da realidade e do imaginário,

do fantástico: narrativas que se constroem e tecem uma teia invisível de palavras, fatos e ideias.

O professor leitor, está presente nessa teia. Ele incentiva e propõe leituras e diálogos que provocam as ideias, a criatividade e a construção das gentes com a mente mais aberta ao novo, ao diferente e ao conhecimento.

Regina Machado diz:

Nessa experiência, compartilhada, dentro do processo de ensino e de aprendizagem, é possível exercer o espírito crítico para olhar como outros olhos para o nosso mundo de hoje, a nossa sociedade, a nossa cultura e as nossas funções como cidadãos. (Machado, 2004, p.32)

Existe também um vírus chamado cavalo de troia, e escrevo com a letra minúscula mesmo, porque é um vírus do mal. Um grande vilão das redes e dos computadores. Mas quero debruçar-me sobre a ideia do Cavalo de Troia. Penso que os Clubes de leitura e projetos literários que acontecem dentro da sala de leitura são Cavalos de Troia em vários sentidos: levam conhecimento, crítica e criatividade; levam livros nesse mundo robotizado; levam histórias que não precisam ter necessariamente o objetivo de ensinar algo. Esse Cavalo de Troia leva professores e vários leitores.

Escondidos no cavalo.

Não é necessário escurecer para sair do cavalo e atacar. E no caso da leitura, entenda-se o atacar como se apresentar e de fato atacar a ignorância. Há qualquer momento, a leitura invade a cidade.

Na série Operação Cavalo de Troia, existem muitas notas de rodapé. Afinal, é necessário explicar para além da história, o passo a passo científico para construção do berço (a cápsula que transporta pelo tempo). No entanto, quando um texto, um livro ou uma história necessita de muitas explicações, significa que não foi entendido. Para que tantas notas de rodapé? Novamente apresenta-se a pluralidade da Sala de Leitura. Nesse caso específico, as notas de rodapé fazem parte do contexto da história. É uma história à parte.

Hoje, os jovens falam de multiverso...

Particularmente falando, a leitura de um livro tão abstrato, despertou em mim grande curiosidade sobre os átomos. Gostaria de saber mais e pensava se isso poderia acontecer. (A viagem no tempo). Como reprovei em química no antigo colegial e tinha uma dificuldade extrema nas áreas da matemática, a física era e ainda é um grande mistério. Ler Operação Cavalo de Troia: inúmeras provocações.

A sala de leitura é resistência. E pensando nas palavras de Délia Lerner, também é um desafio:

O desafio é formar praticantes da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que possa "decifrar" o sistema de escrita. É formar leitores que saberão escolher o material adequado para buscar a solução de problemas que devem enfrentar e não alunos capazes de oralizar um texto selecionado por outro. É formar seres humanos críticos, capazes de ler entrelinhas e de assumir uma posição própria frente à mantida, explícita ou implicitamente com os autores dos textos com os quais interagem, em vez de persistir em formar indivíduos dependentes da letra do texto e da autoridade de outros. (Lerner, 2007, p. 27)

9- Dom Casmurro: uma dúvida persiste

Um aprofundamento no trabalho na Sala de Leitura: Sala de leitura 50 anos! No clássico da literatura brasileira do autor Machado de Assis, Dom Casmurro, existe uma dúvida. A personagem Capitu, traiu ou não traiu Bentinho?

Quando li o livro em 1985, leitura obrigatória nas aulas de literatura do antigo segundo grau, antes mesmo de fechar o livro a dúvida surgiu: Capitu traiu ou não traiu? Não houve debate na Escola Estadual de Segundo Grau Pereira Barreto, no bairro da Lapa...

Houve uma prova!

Acredito ter colocado a dúvida na prova, mas de maneira tímida. Afinal não era o assunto perguntado em questão. Fiquei com essa inquietação.

Para conforto, surpresa e até mesmo satisfação, o assunto: “traiu ou não traiu” era uma inquietação de outros leitores.

O fato é que na aula da década de 80, não se apostava ou falava na formação de leitores. Era uma obrigatoriedade. Era a “tal pedagogização da leitura”.

Yolanda Reyes nos faz refletir sobre isso:

... em nossa concepção de ensino, ainda se pede ao professor que seja capaz de controlar, planejar e avaliar o processo de aprendizagem durante todas as etapas, do início ao fim, sem que nada lhe saia descontrolado. Essa concepção supõe que, quanto menos o tempo dado ao professor para cumprir objetivos e quanto mais materializados em indicadores concretos esses objetivos forem mais fácil será para ver, comprovar e avaliar os resultados em termos quantitativos.

Nos dias atuais, na Sala de Leitura, provocações como essas são feitas pelos próprios Professores Orientadores da Sala de Leitura (POSL). Afinal, a leitura é para todos, ultrapassa as barreiras.

Outra provocação também se faz necessária, (e “ conversa”, por assim dizer, com o tópico 8 deste texto intitulado Minhas Contas) Machado de Assis era negro e tentaram branqueá-lo.

“... mas a verdade é que você, como todo brasileiro, tem sangue crioulo, tem cabelo duro, sarará crioulo...” Canta Sandra de Sá.

Esse trabalho, acontece na Sala de Leitura: o trabalho de provocar, dar visibilidade aos povos que formaram o povo brasileiro; aos povos negros e ao povo originário desse país.

A história foi contada ao longo dos anos apenas do ponto de vista do colonizador europeu, desconsiderando a contribuição, participação e a cultura desses povos. Na verdade, para branquear a história de nosso país e contá-la a partir do prisma do colonizador, nações indígenas inteiras foram dizimadas e os negros escravizados. Aprendeu-se na escola, que os negros eram escravos. Não. Aprende-se hoje, na Sala de Leitura, que os negros foram escravizados.

A Sala de Leitura suscita esses relevantes assuntos para a roda de conversa, pois, a vivência na Sala de Leitura é pautada na bibliodiversidade e na pluralidade.

A Sala de Leitura é em sua essência plural e interdisciplinar.

O aluno “aprende”, se este verbo existir, o que é literatura, os gêneros literários e suas características. Participa de debates, rodas de conversa e de leituras que abordam temas institucionalizados pela Secretaria Municipal de Educação: Junho Migrante, Agosto Indígena e Novembro Negro.

Lembrando que, tais temas devem permear a vivência na Sala de Leitura durante o ano inteiro. No entanto, nos meses destacados, o foco está na leitura migrante, africana e indígena.

E se este verbo (aprender) existir, insisto, quem aprende é o POSL. Eu aprendi! Aprendi, na Sala de Leitura, a olhar para minha própria história miscigenada. Muito branca para ser preta, muito preta para ser branca.. Olho puxado das gentes indígenas, com o sopro de vida do pajé. Ah, e um jeito italiano de falar...

Participando de uma formação na Sala de Leitura no Memorial da América Latina há anos atrás, aprendi com uma antropóloga que bugre era o nome pejorativo dado a todos os indígenas.

Uma de minhas bisavós paternas era indígena. Foi capturada a laço pelo espanhol, no caso meu bisavô. Cresci ouvindo que ela era bugre.

No dia em questão, no final da palestra com a antropóloga, perguntei a ela como saber um pouco mais das minhas raízes indígenas, e que minha bisavó era bugre. Então, ela me explicou que bugre era o nome dado a todos os indígenas. Os colonizadores desconsideravam a nação. Ainda me informou que de posse do nome “cristão branco” dado a ela, procurasse na localidade em que viveu uma igreja católica, pois talvez existisse alguma informação: idade aproximada, local, data de nascimento e data do suposto casamento. Não existem palavras para traduzir o que senti.

Significa que não conhecemos nossas origens, nossa ancestralidade, nossa história. Porque essa história foi silenciada. O cabelo bonito é do branco, a beleza é branca, a inteligência é branca... E a carne mais barata é a negra! Na Sala de Leitura, o professor, a professora de repente aprende e com o que aprendeu provoca o aluno. O professor aponta o texto e sua interlocução com outras linguagens como explica Élie Bajard:

Queremos mostrar assim que a prática vocal do texto não pode ser reduzida à "leitura em voz alta". Esse conceito não é mais operatório, de um lado porque cria confusão na noção de leitura e, de outro, porque impede de conferir as práticas vocais do texto toda relevância que merecem. (Bajard, 2014, p.18)

Em 2022, a Sala de Leitura na Rede Municipal de Ensino de São Paulo, completou 50 anos. Eu, tinha apenas dois anos quando esse projeto teve início. O espaço da Sala de Leitura não promove aulas e sim experiências. Experiências para o aluno em formação, para o professor, eterno aprendiz e para você que lê essas palavras e ficou curioso ou curiosa de realmente conhecer a Sala de Leitura de uma escola!

E assim, esse descendente de escravos libertos, filho de lavadeira portuguesa e de pedreiro negro, o senhor Joaquim Maria Machado de Assis, consegue fazer um elo entre a adolescente que fui, a professora que sou e a mulher que ainda busco ser.

10- Sono: Saindo da brasilidade de Machado de Assis, atravessando o oceano e buscando outras leituras.

O livro Sono é de autoria do japonês Haruki Murakami. E como se diz, “logo de cara” o problema é apresentado aos leitores. A protagonista não dorme. Ela não consegue e não precisa dormir. Ela acha que não precisa. Talvez dormir signifique uma pausa, uma parada, uma ausência de coisas para realizar.

O fato é que nem sempre o final é feliz, provocações são necessárias. E esse livro faz provocações. Talvez a leitura adulta solicite uma provocação; contudo não se pode desmerecer as leituras e histórias para a infância, pelo contrário. Muitas vezes, o professor faz um mergulho no mundo da criança e do adolescente que é tão profundo que ler um livro como Sono parece algo impensável.

Constantemente nos vemos à volta com “Viveram Felizes Para Sempre” e é uma quebra de paradigmas não chegar ao final feliz.

Assim é na sociedade. Assim é na escola. Assim é na Sala de Leitura.

Apresentar uma história em que o final não é feliz é quase uma heresia.

Mas quem são os POSL? Professores Orientadores da Sala de Leitura?

O POSL é antes de tudo um professor! E se ocasionalmente não gosta de ler, o que é quase impossível, acredita na importância da leitura e das histórias.

Entre nós, POSLs existem acadêmicos, estudiosos das letras e dos textos. Alguns bem radicais que não acreditam, por exemplo, que Harry Potter seja um Best Seller. “Como assim? Não ler clássicos intelectuais?”

Existem os estudiosos, abertos às inovações.

Existem os críticos. Aqueles que em todas as aulas provocam os alunos com uma questão desafiadora.

Existem professores. Estão dando aula.

Existem aqueles que são o conjunto de todos os exemplos acima, contam histórias e viajam nessas histórias, porque através das histórias se aproximam da literatura e dos alunos.

Posso afirmar que o POSL é provocado constantemente.

A primeira provocação é apresentar o Projeto de Trabalho. Deixar a rotina de suas aulas para se desafiar numa nova função que envolve... leitura? Algo difícil, quase impossível.

A segunda provocação é a de que tudo é possibilidade de aula. Parece que às vezes estamos numa dessas agências de publicidade prestes a entregar uma grande campanha. Os criadores permanecem horas debruçados sobre seus projetos, transformando layout em arte final. O POSL é o professor que busca essas possibilidades. Como apresentar esse ou aquele título? Como trabalhar com tal gênero? Como localizar um livro para cada faixa etária? E quantas polêmicas giram em torno da literatura para a infância. Afinal a leitura escolar passou anos debruçada na leitura (in) formativa, aquela que ensina alguma coisa. A leitura por deleite, como passatempo prazeroso, definitivamente não era cogitada entre os muros da escola. Isso já foi apontado no tópico de Machado de Assis.

Na Sala de Leitura, espera-se que o aluno leia. E leia em voz alta. E depois esse verbo, essa ação é arguida nos momentos de avaliação do aluno: Lê ou não Lê?

O emprego da "leitura em voz alta" como avaliação é a às vezes fundamentado de outra maneira. Fazer uma boa leitura para os outros supõe a compreensão do texto a ser transmitido. Já que a qualidade da transmissão vocal do texto depende da sua compreensão, a primeira se torna um meio para avaliar a segunda. É entretanto necessário analisar as condições de validade dessa avaliação. (Bajard, 2014, p. 82)

Manter a sala arrumada e catalogar os livros novos que chegam é um capítulo à parte. Cada POSL tem seu jeito de organizar o acervo da sala em que trabalha. Na EMEF Professor Doutor Valter Paulino Estevan, no CEU Parque Anhanguera, Unidade Escolar em que leciono, organizamos os livros por cores. Assim, os livros com durex colorido vermelho, são livros infantis; os verdes correspondem aos juvenis; amarelos aos romances; e assim por diante. Quando as cores acabam, começamos a colocar 2 ou até mesmo 3 cores de durex para identificar o gênero literário. Por exemplo, nos livros de literatura africana, que é um subgrupo de contos, coloca-se as cores azul, verde, azul, verde. Esse é um exemplo que funcionou positivamente para minha colega de sala, professora Teresinha, que está a frente da sala de leitura há quase 20 anos. Quando fui designada para Sala de Leitura, fui recebida carinhosamente por ela. Falando em Teresinha, ela também fez o curso na Casa Tombada. Aliás, vários POSLs fizeram. A coordenação de Sala de Leitura de SME (Secretaria Municipal de Educação) orienta que se organize as estantes por números e letras; assim, quando buscar um título, o usuário participará de um jogo de batalha naval: tal livro, estante 2, prateleira F. Porém, para a dinâmica de 45 minutos de aula, tal organização não é efetiva. Outro fator que dificulta é que nós POSLs não temos momentos para tal serviço.

No entanto, a maior de todas as provocações é a de ser leitor. Há de se gostar de ler para "ensinar" gostar de ler.

Aliás, essa expressão, "gostar de ler" remete ao livro Para Gostar de Ler, volume II, Crônicas, que é uma ótima pedida. Histórias, memórias.

As provocações não acabam e na polêmica da busca pela história correta, a sugestão de leitura do livro Sono, veio através de um programa cultural de rádio que apresentava os lançamentos literários, teatrais e cinematográficos. Se o propósito era não dormir após a leitura, esse foi atingido. Provocativo.

E a POSL que habita em mim, pensa que se a Sala de Leitura é bibliodiversidade; nem somente de Mangás vivem os autores japoneses. Mangá, aliás, é uma solicitação constante dos alunos. Geralmente, o aluno tem conhecimento do mangá pois já assistiu um Anime. Finalmente, após 50 anos, a Sala de Leitura recebeu Mangás. Como apresentar um mangá para os alunos? Difícil, mas não impossível para um POSL.

Neste sentido, Elie Bajard, no capítulo intitulado Tirar partido do cotidiano do livro Ler e Dizer, coloca que:

O professor deve saber aproveitar as oportunidades que a vida da classe faz surgir, e que muitas vezes não recebem a devida atenção porque seu interesse não chega a ser percebido. O dizer do professor será,

naturalmente, a referência. Ele sabe comunicar a classe um texto informativo, que pode ser um bilhete de autoria da direção da escola a ser transmitido a todos, ou uma instrução de trabalho em ciências por exemplo.(Bajard, 2014, p. 94)

É necessário dizer que o livro Sono, título deste tópico, quer apontar para a descoberta de uma leitura diferente, pelo menos para esta leitora. Saber passear pelo universo da infância e da adolescência, sem contudo deixar que apenas esse universo defina o leitor e o trabalho na Sala de Leitura.

Assim canta Biafra:

“Voar, voar, subir, subir, ir por onde for

Descer até o céu cair, ou mudar de cor”

(Piska; Rabello, 1984)

Esta professora que vos escreve, tem ao longo desses 14 anos em Sala de Leitura inúmeros projetos.

Os projetos que exponho como anexo deste texto, tiveram um impacto significativo na formação dos estudantes, contribuindo para seu desenvolvimento pessoal, acadêmico e social.

O trabalho realizado na Sala de Leitura busca proporcionar experiências transformadoras, deixando uma marca positiva na trajetória dos participantes. Mas a principal transformação é a que acontece com esta professora que aqui escreve.

O ofício de professor nunca foi tão desvalorizado em São Paulo, como nesse momento histórico. Em pleno século XXI, em 2025, após uma pandemia tão avassaladora, as relações estão cada vez menos humanas. Uma política de resultados se sobrepõe ao aprendizado. E não quero dizer com isso que os resultados não são importantes; mas o caminho para se chegar a alguns resultados se apresenta de forma tortuosa.

Gostaria de ilustrar este trabalho com algumas ações ou projetos que impactaram positivamente minha atuação enquanto professora. Ações que ultrapassaram o limite da sala de aula, promovendo vivências que contribuíram para a construção de valores, autonomia e senso crítico.

EU SOU MALALA!



Após a leitura do livro *Eu sou Malala* com os 9ºs anos, montei este texto que foi dramatizado por um grupo de alunos. A apresentação fez tanto sucesso que a levamos para o stand da PMSP na Bienal do livro de 2018. Cada parágrafo era falado em voz alta firmemente por cada aluno participante. As meninas usavam um véu e os meninos turbantes. Funcionou como um jogral com alguns objetos de cenário e expressão corporal.

Sobre Malala Yousafzai, nascida em 1997, é uma ativista paquistanesa, a mais jovem ganhadora do prêmio Nobel da Paz. Sua trajetória é reconhecida pela luta pelos direitos das mulheres em sua região, principalmente quanto ao direito à educação.

Em 2012, o grupo fundamentalista do Talibã, realizou um ataque contra Malala que levou 3 tiros.

Eu Sou Malala é o slogan feito pela ONU em defesa ao que ocorreu com a adolescente. Este também é o nome do livro da jovem. Malala relata que quando os terroristas entraram no ônibus em que ela estava, perguntaram “Quem é Malala?”, ao que ela respondeu “Eu sou Malala” e levou os tiros.

Levar a leitura do livro *Eu Sou Malala* para os 9ºs anos foi uma das experiências mais admiráveis vividas por mim enquanto docente.

Deixo a seguir o texto escrito por mim e que foi dramatizado:

TODOS FALAM FIRMEMENTE: EU SOU MALALA!

ÁSIA

AMÉRICA

PAQUISTÃO

BRASIL

Não é apenas a letra inicial do continente que nos une...

MORO NUM PAÍS TROPICAL

NUM PAÍS SUBTROPICAL

LIXO, TRANSPORTE, MORADIA...

EDUCAÇÃO!

PROBLEMAS DO BRASIL,

PROBLEMAS DO PAQUISTÃO...

O Paquistão é um país do Oriente Médio...

Cheio de cultura, herdada de povos antigos, como os persas ...

A língua do Paquistão é o URDU.

Mas os paquistaneses também falam inglês, pois foram colônia da Inglaterra por muito tempo...

Nesse país, do outro lado do mundo, nasceu Malala!

EU SOU MALALA!

Era uma vez e ainda é Malala Yousafzai ... Sobrenome difícil, não é? Seu nome é uma homenagem a uma heroína do Paquistão... Ela nasceu no dia 12 de julho de 1997 e é do povo Pachtum...

Nasceu num lugar lindo chamado Vale do Swat. Uma terra linda cheia de montanhas e rios, campos verdejantes e... Neve no inverno. Esse vale já foi habitado por reis e rainhas, príncipes e princesas, como nos contos de fadas. Foi nessa terra linda que Malala nasceu, em uma casinha bem simples em frente à uma escola.

ESCOLA KUSHAL! Que pertencia a seu pai.

Seu pai também lhe deu o sobrenome, esse difícil de pronunciar.

Parece óbvio ter o sobrenome do pai. Aqui no Brasil é comum, mas lá no Paquistão, só os filhos homens têm direitos.

MENINAS SEQUER SÃO ANUNCIADAS!

As meninas são criadas para se casarem cedo e devem obedecer ao marido, de quem herdam o sobrenome...

No Paquistão, terra de Malala, as meninas nem são registradas! Oficialmente nem existem!

O pai de Malala pensa muito diferente e deu à filha os mesmos direitos de um menino.

Parece estranho, mas aqui no Brasil...Quantas vezes alguns homens muito machistas aqui no Brasil não tratam suas filhas mulheres com respeito?

Na escola, Malala era a melhor aluna. Ganhou várias medalhas e troféus por ser a mais sabida, a mais falante, a mais desinibida. Todos que a conheceram podem confirmar.. Só tirava 10 nas provas!

MALALA AMAVA OS LIVROS!

OS LIVROS ERAM SEUS MAIORES TESOUROS!

Mas isso tudo mudou quando um grupo de homens armados e muiiito malvados passou a controlar o vale. O nome desse grupo era talibã...

EU SOU MALALA E VI A GUERRA!

Com a presença dos talibãs a situação ficou horrível. Eles acham que só eles têm razão e que todo mundo deve agir conforme a vontade deles. Pensam igualzinho o Valdemort da História de Harry Potter, ou igual a madrasta da Cinderela...

Não fizeram feitiçaria e sim muita maldade: proibiram as mulheres de saírem de casa sozinhas, as meninas de estudarem e destruíram escolas.

OS VÉUS ESCONDEM O ROSTO!

OS VÉUS ESCONDEM OS LIVROS...

O maior problema no Paquistão tem sido a ação dos talibãs. Quando o mundo vê um véu, uma burca, um turbante, já pensa: é terrorista.

Qual a diferença entre os terroristas do talibã e o tráfico de drogas no Brasil?

EU SOU MALALA, E NÃO SOU TERRORISTA PORQUE MORO NO PAQUISTÃO!

EU SOU BRASILEIRO, BRASILEIRA E MEREÇO RESPEITO!

QUEREMOS EDUCAÇÃO!

TODOS:

NÃO SOMOS TERRORISTAS!

Com 11 anos Malala fez sua primeira aparição em público e questionou como o talibã se atrevia a lhe tirar o direito a educação?

INJUSTIÇA!

Malala começou a escrever um diário, num blog e contava tudo o que estava acontecendo de horrível no Vale do Swat.

SOU MALALA E NÃO POSSO APARECER.

Malala escrevia escondido, senão poderia ser castigada. Usou um pseudônimo, um nome falso...

Depois de passada a guerra, o mundo descobriu quem era a Malala, a menina que denunciava os abusos do talibã no blog. Ela ficou muito famosa.

Passou um tempo, mas os talibãs não esqueceram dela e pararam o ônibus da escola em que ela estava...

QUEM É MALALA?

EU SOU MALALA!

Os homens estavam armados e atiraram em Malala. Ela foi para o hospital e não morreu... Pelo contrário, melhorou mais rápido do que se esperava...

Cinco meses depois do ocorrido, ela já estava de volta a escola, só que agora em outro país.

Malala ganhou muitos prêmios. E com 17 anos se tornou a pessoa mais jovem a ganhar o Prêmio Nobel da Paz?

PRÊMIO NOBEL DA PAZ!

EU SOU MALALA.

QUERO SER E FAZER MUITAS COISAS:

QUERO DANÇAR

QUERO CORTAR MEU CABELO NO ESTILO QUE COMBINA MAIS COMIGO

QUERO ASSISTIR MEUS PROGRAMAS PREFERIDOS

QUERO ME CASAR POR AMOR

QUERO USAR O VÉU

NÃO QUERO USAR O VÉU

QUERO ESTUDAR...

Mas se morássemos sob o regime do talibã não poderíamos nada...

NADA?

SOU MALALA E QUERO SER LIVRE!

QUEM É VOCÊ?

EU SOU MALALA!

E TENHO DIREITO A EDUCAÇÃO...

Professora Mirian

Outubro/2017

CEU Parque Anhanguera



EMENTA: OFICINA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: NO CAMINHO VOU CONTANDO...

Ementa utilizada para as palestras e oficinas ministradas por mim. Na foto, o famoso baú que segue o caminho comigo.

A ARTE de CONTAR HISTÓRIAS é uma prática ancestral. Antes da invenção da imprensa escrita e dos livros já existia a figura do narrador que transmitia suas histórias, seus “causos” ou simplesmente seus conhecimentos sobre um determinado assunto. A palavra possui um encantamento natural e a narração oral marca sua presença de forma cada vez mais precisa nos espaços culturais, de lazer ou de entretenimento. A Arte de Contar Histórias está presente nos aspectos educacionais, e por isso é cada vez mais comum encontrarmos, por exemplo, um contador de histórias promovendo um livro. Contar Histórias resgata nossas origens e nos coloca em contato com o Humano, algo que estava esmorecendo com o avanço desenfreado da tecnologia e com a ausência do diálogo. Ouvir histórias “conecta” as pessoas e as faz ultrapassar as barreiras da comunicação, dos sentimentos e do uso da palavra oral. O contador de histórias muitas vezes atua como mediador de leitura, envolvendo o ouvinte, leitor ou não, no

universo da criatividade e da apresentação das diversas formas de se abordar uma história, que pode apresentar vários finais e propiciar experiências.

Currículo da Professora: Mirian de Souza Carlos: Formada em Pedagogia pelas Faculdades Campos Salles. Habilitação em Administração, Supervisão e Orientação Pedagógica. Pós-graduada em Gestão Educacional pela Unicamp. Pós Graduada em A Arte de Contar Histórias- Abordagens poética, literária e performática, coordenada pelo Professor Doutor Giuliano Tierno,. Participou do Curso de Contação de Histórias da Biblioteca Hans Christian Andersen. Professora da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, desde 1988; atua como Diretora efetiva da E.E. José Oscar Abreu Sampaio, desde 2003. Foi Professora Coordenadora da E.E. Oscar Blois, entre 1997 e 2002. Professora da Rede Municipal de São Paulo desde 2000. Exerce a função de Professora Orientadora de Sala de Leitura da EMEF CEU Professor Doutor Valter Paulino Estevam desde 2011. Atua como Contadora de Histórias voluntária em instituições escolares. Colaboradora do Projeto Arte com Amor desde 2005 na EMEF Raul Pompéia. A oficina “No Caminho vou Contando” é a expressão da importância que as narrativas exercem na vida profissional e pessoal.

Mitologia: histórias de lá e de cá.

JUSTIFICATIVA:

O presente trabalho vem atender a necessidade de oferecer um trabalho diferente ao realizado nas aulas regulares da Sala de Leitura. No entanto, sem se desviar do objetivo maior que é o fomento e o estímulo para leitura no cotidiano dos alunos.

A proposta de um ensino integrador, orienta o presente projeto, que apresentará como Experiência Pedagógica, um mergulho na Mitologia de diversos povos. A partir da leitura, apresentar aos estudantes a formação cultural de diversos povos e como isso interferiu na identidade da humanidade.

Após observação, sondagem inicial e conversa com os estudantes, fica evidente a necessidade de uma experiência literária que contemple atividades lúdicas, resgate aspectos culturais populares de vários povos, a fim de promover diversidade e respeito, desenvolver criatividade e oralidade.

O fomento à leitura, é o maior objetivo deste projeto, uma vez que a Sala de Leitura realiza um trabalho importante, que prima por uma educação de qualidade. Sobre o título do projeto: Mitologias de cá e de lá, significa que serão contempladas narrativas mitológicas de vários povos, inclusive dos povos originários do Brasil e da América colonizada. Os mitos, possuem um aspecto mágico, que alimenta a criatividade e a imaginação.

Por fim, o projeto realmente se justifica pela diversidade literária trabalhada, pela proposta do Projeto Político Pedagógico da escola e atende a legislação vigente.

Em seguida, o diálogo para apresentação das turmas de 2º ano do ano de 2024:

MITOLOGIA TODO DIA: HISTÓRIAS DE LÁ E DE CÁ

_ NOSSA! O QUE SERÁ ISSO?

_ UMA PEÇA DE XADREZ!

XADREZ??

_ É... É UM JOGO.

_ EU TENHO CERTEZA QUE SE A PILAR ESTIVESSE AQUI ELA INVESTIGARIA TUDO A RESPEITO DESSE OBJETO...

E DESSE JOGO!!!

_ É VERDADE. PILAR NOS FEZ VIAJAR PELA MITOLOGIA COM SUA REDE MÁGICA.

_ NÃO VAMOS ESQUECER DO AMIGO BRENO E DO GATINHO SAMBA.

_ É ISSO AÍ PESSOAL! LEMOS DOIS LIVROS INTEIRINHOS DA PILAR: O DIÁRIO DE PILAR NA GRÉCIA E O DIÁRIO DE PILAR NO EGITO. E ESSA LEITURA NOS APROXIMOU DA CULTURA DESSES PAÍSES.

ZEUS, HÉRCULES, ISIS. TU TAN CA MON

_ VIAJAR COM A FÊNIX, COM PÉGASUS. E A HISTÓRIA DO CAVALO DE TROIA???

_ EI VOCÊ QUER DEIXAR TODO MUNDO CURIOSO???

VOCÊS ESTÃO CURIOSOS????

_ SABE, A PILAR TEM UMA ESPERTEZA E DETERMINAÇÃO QUE AS MULHERES TEM DE SOBRA...

HUMMM, SÓ AS MULHERES??

_ AH, MUITA GENTE TEM, MAS AS MULHERES MUITAS VEZES SÃO TRATADAS COM DESPREZO, COMO SE SÓ SERVISSEM PARA OS AFAZERES DOMÉSTICOS.

_ ACHO QUE MUITA GENTE PRECISA CONHECER A PILAR.

_ E POR FALAR EM PILAR, ELA MANDOU UMA CARTINHA...

O QUE DIZ?

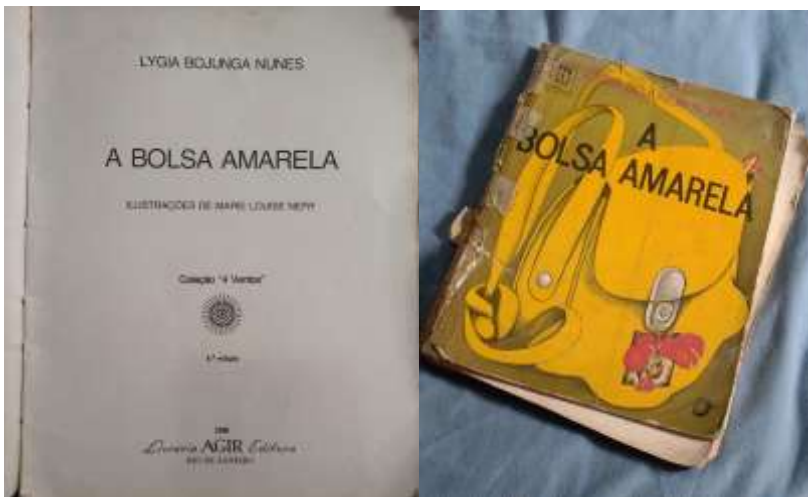
_ PESSOAL, TENHO VÁRIOS INTERESSES E ACHEI FANTÁSTICA A HISTÓRIA DO XADREZ... CONTAM QUE...

_ ESSA PILAR É DANADA! ESTÃO CURIOSOS?

LEIAM OS LIVROS: O DIÁRIO DE PILAR. ESSES LIVROS ESTÃO NA BIBLIOTECA DO CEU E NA SALA DE LEITURA!

Para trabalhar nesse projeto, fizemos a leitura dos livros da autora Flávia Lins e Silva. As histórias que surgem a partir desse projeto são inúmeras. Mas foi um trabalho tão potente que rendeu um encontro com a autora na FLIP.





LIVRO ORIGINAL DA "ESTANTE DO MARCELO" DE 1980



FOTOS DO LIVRO "PINGOS DE LEITURA" DE 1978

Conclusão:

O SOM do RUGIDO DA ONÇA, livro de autoria de Micheline Verunschik.

Provocando e refletindo que o trabalho nunca está pronto.

Finalizando este trabalho, o chamado a esta reflexão que se conclui (ou não), é o título de um livro ganhador do Prêmio Jabuti 2022, na categoria romance. É uma ficção com uma base histórica, pautada na história do Brasil, mas que traz apontamentos de outros lugares. História que traz impacto e vem ao encontro da busca pelas raízes. Da retirada do que se chamava bugre, para uma etnia verdadeira. Respeito, ancestralidade, história (no sentido da ciência que estuda o passado) e histórias daquelas que se contam ou narram, objeto deste trabalho e do curso em questão: abordagens poética, literária e performática. E por que não histórica?

O processo de aculturação retratado no livro, mostra a violência com a qual os povos originários foram tratados.

O livro também retrata um outro núcleo de personagens, que se aproxima um pouco mais da nossa época. Mas os tempos, de uma certa maneira se inter cruzam e isso provoca o leitor.

Esse livro, aliás, apresenta inúmeras provocações: a primeira é a de que o professor da Sala de Leitura necessita “beber” na fonte inesgotável que é a literatura, envolta nas histórias das “gentes”, e nesse caso, das gentes deste país.

Há novamente de se pensar que nem sempre “viveram felizes para sempre”. Quebra de paradigma para quem trabalha com crianças e jovens. Essa leitura tira o leitor de sua zona de conforto e o faz pensar nas histórias como uma teia que une pessoas e pensamentos.

Sendo assim, podemos afirmar que a Sala de Leitura é referência na escola. Pois essas reflexões perpassam pelo espaço da leitura na escola.

Em comemoração aos 50 anos desse Programa que é a Sala de Leitura, alguns livros chegaram para o Clube de Leitura do Professor. Não é algo muito fácil: organizar um clube de leitura. Alguns títulos são clássicos como Fahrenheit 451; outros títulos chegam para apresentar a literatura de nossa gente, como Torto Arado e o próprio objeto desta reflexão: O Som do Rugido da Onça.

Fica evidente ao leitor dessas linhas o quão importante é trazer as histórias para roda de conversa e aprender com as mesmas? Refletir sobre o nosso papel social. Influenciar outros seres humanos com narrativas, com ou sem moral da história. Deixando que cada leitor ou ouvinte chegue a sua própria conclusão. No entanto que essa conclusão também seja a da importância das histórias para construção de saberes e sentimentos (preferencialmente bons). Que neste sentido, a Sala de Leitura, não pode:

Enfim, reduzir a voz alta a um meio de avaliação significa lhe atribuir um valor apenas escolar e não reconhecer seu interesse social. É amputar essa atividade de toda a motivação comunicativa. É preciso então valorizar sua função social para lhe restituir seu devido lugar nas práticas de comunicação e na conquista da língua escrita. (Bajard, 2014, p. 83)

É importante informar que as histórias me levaram à sala de leitura. Dentro desse espaço, busco novas histórias que façam sentido, que levem uma mensagem e que, principalmente, transformem os alunos e colegas em contadores também.

A Sala de Leitura é referência na escola e é referência na vida.

Sou movida pelas histórias. Encontrei meu lugar de contá-las na Sala de Leitura. Seja uma história narrada ou lida. Seja com manuseio de objetos, ou só na pura voz; ou ainda seja articulando vozes diferentes: encontrei na Sala de Leitura um caminho para tantas histórias que precisam ser contadas.

Quando penso nesse trabalho na Sala de Leitura, revisito o caminho percorrido ao longo desses 38 anos de magistério. Peço licença e reverencio todos os contadores. Sei que os que ganham “seu pão de cada dia” com esse ofício, o de contar histórias, criticam os entusiastas, como eu própria bem disse acima; que a hipocrisia de alguns entusiastas fere o trabalho bem feito. Mas é importante levar a palavra, livre, aberta, às vezes raíz, outras vezes asas; mas nunca presa, como que trancada por um cadeado.

Ser professora Orientadora da Sala de leitura (POSL) não significa apenas disponibilizar os livros para que os alunos manuseiem. Existe uma relação que se estabelece no contato do leitor com o livro. Professores preocupados em retirar o aluno da letargia e despertar o interesse pela leitura e as histórias: esses são os POSLs!

Concluindo: Por que vou contando pelo caminho ? Por que comecei a contar e continuo contando pela escola e pela vida? Acho que respondi acima.

Porque a palavra é vida! Palavra é pássaro que voa, rio que segue o curso e vira mar (e Tietê, que sai do mar para terra); palavra é riso das gentes e pranto também dessas gentes; é ensinamento, é sonho, é aprendizado. As histórias cheias de palavras e as palavras cheias de histórias vão pelo caminho, e... No caminho vou contando...



FUNDAÇÃO DA ACADEMIA ESTUDANTIL DE LETRAS (AEL) L IYGIA BOJUNGA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTONIO, Luiz. *Minhas Contas*. São Paulo: Cosac Naify, set. 2008.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática
- BAJARD, Élie. *Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- BAJOUR, Cecilia. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- BENÍTEZ, J. J. *Cavalo de Troia*. 1. ed. São Paulo: Mercuryo, 1984
- BOJUNGA, Lygia. *A bolsa amarela*. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 1976
- BRENMAN, Ilan. *A condenação de Emília: o politicamente correto na literatura infantil*. São Paulo: Aletria, 2012
- CASTRILÓN, Silvia. *O direito de ler e escrever na escola*. São Paulo: Pulo do Gato, 2011
- COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- COLASANTI, Marina. *Entrevista para Radar da Educação*. Publicada em 22 nov. 2016. Disponível em: <https://www.marinacolasanti.com/2016/11/entrevista-para-radar-da-educacao.html>. Acesso em: 6 set. 2025
- CORÇO, Diana L. A.; CORÇO, Mário. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. 11. ed. Rio de Janeiro: Artmed, 2013.
- GOLDIN, Daniel. *Os dias e os livros: divagações sobre a hospitalidade da leitura*. 1. ed. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- GRIMM, Irmãos. Rapunzel. In: _____. *Os contos de Grimm*. Tradução de Tatiana Belinki. São Paulo: Paulus, 2014. p. [página 191].
- IANNONE, Leila Rentroia. *Com a ponta dos dedos e os olhos do coração*. Rio de Janeiro: Editora do Brasil, 1986
- LEITE, Norma Castro. *Pingos de leitura*. Rio de Janeiro: Editora do Brasil, 1978
- LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MACAU. Olhos coloridos. In: SÁ, Sandra de. Sandra de Sá. Rio de Janeiro: Universal Music, 1982.

MACHADO, Regina Stella Barcellos. *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004.

MATHEUS, Carlos Cesar; RODRIGUES, Wilson. Oyá. In: PÉRICLES (Intérprete). *Sensações*. [S.l.]: Som Livre, 2012.

MURAKANI, Haruki. *Sono*. São Paulo. Editora Alfaguara.2015

O RAPPÀ (Banda). *Pescador de ilusões*. In: O RAPPÀ. *Rappa-Mundi*. Brasil: Warner Music Brasil, 1996.

PISKA; RABELLO, Cláudio. *Sonho de Ícaro*. In: BIAFRA. *Existe uma ideia*. Rio de Janeiro: Universal Music, 1984.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. *Sala e espaços de leitura: vivências, saberes e práticas*. São Paulo, 2020. Documento orientador.

REYES, Yolanda. *A substância oculta dos contos: as vozes que nos constituem*. São Paulo: Pulo do Gato, 2022.

SPYRI, Johanna. *Heidi*. Tradução de Maria Luiza Newlands Silva. São Paulo: Editora Ática, 1978.

TITÃS. *Comida*. In: JESUS NÃO TEM DENTES NO PAÍS DOS BANGUELAS. Intérprete: Titãs. São Paulo: WEA, 1987.

VERUNSCHK, Micheliney. *O som do rugido da onça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.